

ONDE ESTÃO NOSSOS EDUCADORES?

Elizabeth Tunes¹

 <https://orcid.org/0000-0002-6884-8521>

Zoia Prestes²

 <http://orcid.org/0000-0002-1347-3195>

Resumo: No presente texto, tem-se como objetivo examinar alguns efeitos das redes sociais na vida humana. Parte-se da descrição e análise de acontecimentos já realizadas por alguns poucos autores preocupados com a problemática, procurando delinear efeitos de curto e médio prazo nas relações de convivência das pessoas e suas consequências para o funcionamento e estrutura psíquica individual, como também possíveis repercussões e consequências na vida política e social. Examina-se com algum detalhamento possíveis consequências desses novos modos de ser sociais no desenvolvimento do intelecto e da personalidade de crianças e adolescentes e indaga-se o porquê do silêncio de nossos educadores a respeito da questão aqui examinada.

Palavras-chave: Redes Sociais; Relações de Convivência; Desenvolvimento Cultural.



¹ Graduada em Psicologia pela Universidade de Brasília, (UNB, 1971). Mestra em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP, 1976). Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo, (USP, 1981). E-mail: bethunes@gmail.com

² Graduada em Pedagogia e Psicologia Pré-Escolar pela Universidade Estadual de Moscou (MGPU, 1983). Mestra em Ciências Pedagógicas pela Universidade Estadual de Pedagogia de Moscou (MGPU, 1985). Doutora em Educação pela Universidade de Brasília (UNB, 2010). E-mail: zoiaprestes@id.uff.br

WHERE ARE OUR EDUCATORS?

Abstract: In the present text we aim to examine some effects of social networks on human life. We describe events that were already analyzed by a few authors and we try to outline short and medium-term effects on people's relationships and their consequences for individual mental functioning and structure, as well as possible repercussions and consequences for political and social life. We try to outline possible consequences of this new way of life on intellectual and personality development of children and we also manifest our surprise at the absence of our educators in the debate on this issue.

Keywords: Social Networks; Social Relationships; Cultural Development.

¿DÓNDE ESTÁN NUESTROS EDUCADORES?

Resumen: En este texto el objetivo es examinar algunos efectos de las redes sociales en la vida humana. Se parte de la descripción y análisis de acontecimientos ya realizados por algunos autores preocupados por el tema, buscando esbozar los efectos a corto y mediano plazo en las relaciones de convivencia de las personas y sus consecuencias para el funcionamiento y la estructura psicológica individual, así como sus posibles repercusiones y consecuencias para la vida política y social. Se examinan con cierto detalle las posibles consecuencias de estas nuevas formas de ser social en el desarrollo del intelecto y la personalidad de niños y adolescentes y se cuestiona el porqué del silencio de nuestros educadores respecto del tema aquí examinado.

Palavras chave: Redes Sociales; Relaciones de Convivência; Desarrollo Cultural.

Um mundo delirante

No documentário *Eis os delírios do mundo conectado* (*Lo and behold: reveries of the connected world*), o conhecido cineasta alemão, Werner Herzog, traz à tela um exame crítico acerca da nossa dependência em relação às tecnologias que criamos.

Dito assim, não se trata propriamente de uma novidade. Há muitas obras, no espectro que varia do excelente ao péssimo, que abordam essa questão e, diga-se de passagem, tal dependência é, de certo modo, esperada, pois, se criamos ferramentas e instrumentos é porque alguma necessidade eles poderiam resolver, o que definiria, no ato mesmo da criação, a dependência que será desenvolvida. Pode-se mesmo dizer que a história de nossa humanidade é profundamente moldada pelo caráter e natureza das ferramentas que inventamos. Já fomos muito dependentes da enxada, o que moldou modos específicos de vida muitos dos quais já, hoje, abandonados. Inventamos máquinas que, com muita força,

satanicamente, nos envolveu e que, na atualidade, vem sendo substituídas por dispositivos de outra natureza, não necessariamente melhores, é bom que se diga³. Inventamos o alfabeto, a escrita, o livro, instrumentos inscritos em nossa humanização moderna. Inventamos até a **fala**, esse maravilhoso meio de transpormos o abismo profundo que nos separa dos Outros seres e de nos tornamos sensíveis à sua existência e à sua presença. Fala que permite a cada um de nós afastar-se de si próprio, tornando-se Outro para si mesmo e possibilitando a faculdade de julgamento consciente dos próprios atos. Fala que, por esta razão, é condição de possibilidade para o nosso desenvolvimento como *persona*, a nossa autonomia, a nossa liberdade, a nossa responsabilidade, os nossos limites.

Pode parecer que estamos a chamar a atenção para o fato de que existem instrumentos e ferramentas que criamos e que são benéficas para nós e outras tantas que nos trazem malefícios, ou, em termos mais simples, “ferramentas do bem” e “ferramentas do mal”. Ivan Illich (2006), faz certo tempo, examinou a questão das ferramentas que criamos, ligando-a ao contexto industrial da produção de bens e serviços. Para ele, trata-se não da identificação e qualificação em bons e maus os bens e serviços que produzimos, mas da análise da relação do homem com a ferramenta que cria, definindo-se limites *ad hoc* para essa produção. Ultrapassado o limite estabelecido por essa escala *ad hoc*, as ferramentas criadas voltam-se “[...]contra seu fim, ameaçando destruir o corpo social em sua totalidade. É mister determinar com precisão essas escalas e os umbrais que permitam circunscrever o campo da sobrevivência humana” (Ivan Illich, 2006, p. 372). Profeticamente, ele continua:

Na etapa avançada da produção em massa, uma sociedade produz sua própria destruição. Desnaturaliza-se a natureza: desenraizado, com sua criatividade castrada, o homem encarcera-se em sua cápsula individual. A coletividade passa a reger-se pelo jogo combinado de uma exacerbada polarização e de uma extrema especialização [...] O monopólio do modo de produção industrial converte os homens em matéria prima elaboradora de ferramenta. [...] Pouco importa que se trate de um monopólio privado ou público, a degradação da natureza, a destruição dos laços sociais e a desintegração do homem nunca poderão servir ao povo (Ivan Illich, 2006, p. 372).

³ “A quase completa devastação da vida das pessoas comuns, evidenciada nas favelas que insistiam em se multiplicar nas chamadas cidades industriais, verdadeiros centros de desolação humana, em que as sobras das antigas famílias, trituradas e cuspidas pelo Moinho Satânico, se amontoavam na tentativa desesperada de sobrevivência, foi sem dúvida a principal consequência da Grande Transformação. Esse fato é cinicamente negligenciado pelos apologistas do liberalismo econômico que, ingenuamente, acreditavam e, mesmo depois de alguns séculos de desgraças, continuam acreditando que o desenvolvimento da tecnologia será a salvação da humanidade” (Silva; Bartholo, 2003, p. 42).

A questão apresentada é, pois, de natureza ética, em seu âmago, uma vez que ética é a experiência de *limite* (Bartholo, 1986). Conforme salienta Illich, há limites que não devem ser ultrapassados e, quando transpostos, “[...] a ferramenta converte-se de servidor em déspota” (Illich, 2006, p. 373). Para ele, a sociedade na qual o homem tem controle sobre a ferramenta é convivencial, ou seja, é a sociedade em que “[...] a ferramenta moderna está a serviço da pessoa integrada à coletividade e não a serviço de um corpo de especialistas” (Illich, 2006, p. 374). Ele chama de convivencial a ferramenta e não o homem; este, o que emprega a ferramenta convivencial, chama-o de austero, inspirado em Aristóteles e Tomás de Aquino, porque a austeridade não implica isolamento ou reclusão em si mesmo, mas é o que funda a amizade e exclui os prazeres que degradam a relação pessoal.

Retornamos ao documentário de Herzog, após essa extensa, mas necessária, digressão pela qual nos desculpamos. Eximindo-se de julgamentos e críticas corriqueiras, o grande diretor afasta-se dos cenários e cenas que mostra, deixando-os fluírem sem estabelecer limites, sejam impostos por sua ação, sejam definidos pelos próprios personagens que aparecem na tela. Usuários, empresários, presidentes, funcionários, proprietários de plataformas digitais expõem suas ideias sem quaisquer restrições. Podemos, assim, visitar e passear por uma enormidade de delírios, desde possíveis vindouras viagens interplanetárias tripuladas por homens comuns a programadores construindo dispositivos digitais que venham a superar os melhores jogadores de futebol do mundo e até, como querem alguns cientistas, à vitória na derradeira batalha: vencer a morte. Não fossem reais os participantes e entrevistados que aparecem no documentário, teríamos diante de nós uma montagem própria de ficção científica. Mas não. Eles são reais, têm existência de fato. São seres delirantes cujos delírios querem fazer-nos crer que são reais e, mais do que isso, legítimos. São seres que trabalham para “realizar” delírios sem quaisquer restrições. Veem-se acima da ética. Esses homens tecnólogos-cientistas sentem-se poderosos em absoluto, situam-se acima do bem e do mal, atribuem-se o poder absoluto de julgamento e ação; sua ciência pode tudo, basta desejar; eles empurraram Deus, o absolutamente Outro, para o abismo. Nada há que os limite. É isso o que esse maravilhoso documentário demonstra: estamos em situação de gravíssimo risco; Deus se encontra no fundo do abismo.

Um mundo real forjado pelo delírio

Não se trata de qualificar as plataformas digitais como um instrumento do mal, condenando-as ao banimento ou à morte. O que parece ser urgentemente necessário é a definição do que Illich denominou de limites *ad hoc* para o desenvolvimento das mesmas: elas *não devem* poder tudo. A primeira providência que devemos tomar, então, é o banimento de nossa visão maniqueísta onipresente, segundo a qual o mundo é pleno de coisas do bem e de coisas do mal. As coisas ruins devem ser banidas, expurgadas, proibidas, aprisionadas ou extintas e, assim como num paraíso, vicejarão as flores do bem. Essa regra do senso comum, em geral, é aplicada aos instrumentos e também às pessoas que criam, usam e frequentam as redes sociais nas plataformas digitais. Não se trata, contudo, de acreditar que há, nas redes sociais e nas plataformas digitais, pessoas do bem, ajuizadas que sabem utilizá-las e criá-las, além de pessoas do mal que as deturpam e deformam, utilizando-as para realizar suas práticas diabólicas. As primeiras devem ser livres para fazer o que desejarem e as segundas devem ser presas e contidas.

A ideologia maniqueísta é um dos suportes da ideia de que há os que nascem seres do bem e os que se vocacionam para o mal. Um belo exemplo da força dessa ideologia se encontra no livro de Arthur C. Clarke (2013), *2001: uma odisseia no espaço*, no qual se baseou Stanley Kubrick para realizar o filme de mesmo nome. O livro e o filme vieram a público em 1968.

Como se sabe, nessa obra, o personagem central é um computador que se personifica a ponto de podermos dizer que ele se chama de Hal 9000. Esse nome, na verdade, é uma sigla para a expressão *Heuristically Programmed Algorithm* (Computador de Programação Heurístico-algorítmica). É ele que desempenha o papel de bandido no filme, encarnando o mal. David, um astronauta, é o herói, o bom mocinho que o vence, desligando-o. David é tão perfeitamente bom e correto a ponto de ser completamente sem sal, sem graça, previsível, monótono, “certinho demais”, como se costuma dizer. Subtraiu-se de David toda a maldade, conferindo-a a Hal 9000 e, assim fazendo, desumanizaram o homem e humanizaram o computador. Ficam no ar as perguntas: Hal 9000 não é uma criação do homem? O que deu errado? Errar não é praticar o mal? Errar não é humano?

Precisamente por sermos propensos ao erro é que necessitamos de limites *ad hoc* para nossas relações com os instrumentos e dispositivos que criamos. O que deve ser

contido ou limitado é a relação que mantemos com a ferramenta e não abolida esta ou contido o homem que a emprega. Contudo, o desiderato egocêntrico da autoperfeição parece nos cegar e nos realizamos com gáudio quando apontamos o dedo para o erro do outro.

Um maniqueísmo confesso estava presente na visão inicial de Max Fisher – um repórter do New York Times – a respeito das redes sociais e das plataformas digitais, conforme ele próprio declarou no livro que publicou em 2022, traduzido para o português, em 2023 (*A máquina do caos*):

Assim como muitos, no começo eu supunha que os perigos das redes sociais provinham sobretudo do uso impróprio por parte de pessoas mal-intencionadas – propagandistas, espões, divulgadores de *fake news* – e que, na pior das hipóteses, as plataformas eram uma tubulação passiva por onde corriam os problemas já existentes na sociedade. Porém, praticamente em todos os lugares que visitei durante minha apuração, cobrindo déspotas, guerras e revoltas longínquas, ocorrências estranhas e excessivas se conectavam às mídias sociais. Uma revolta repentina, um novo grupo extremista, a disseminação da crença em alguma conspiração bizarra ... tudo tinha um ponto em comum (Fisher, 2023, p. 12).

Esse modo de conceber o problema, tal como declarado por Fisher, acha-se presente também em trabalhos de caráter acadêmico e científico sobre o tema. São visões apressadas, superficiais e ingênuas acerca do assunto. Açodados, simplificamos o problema e acabamos por apresentar “soluções” que sequer arranham a sua superfície. Por exemplo, é muito comum tratar a educação como panaceia universal para todos os males, chegando-se à proposição de realizar investimentos em educação digital e capacitação de usuários para combater as notícias falsas (Brandão, 2023). Será que é tão simples assim? O mal no mundo seria mesmo fruto de deseducação?

Fisher (2023)⁴ modificou sua posição após realizar um trabalho investigativo monumental, analisando documentos e conversando com pesquisadores e desenvolvedores de programas das grandes plataformas digitais existentes, viajando e entrevistando usuários em vários países (Alemanha, Brasil, México, Mianmar, Sri Lanka). Seu ponto de vista inicial modificou-se ao tomar contato com as informações e a trágica realidade com que se deparou. Em seu livro, inicia a descrição de seu inventário crítico da questão com o relato

⁴ Uma resenha bem feita desta obra foi publicada por Pereira (2023).

do caso da mãe que procurava informações sobre sono e dentes em bebês e acabou frequentando sítios antivacina, no Facebook, constatando que esta plataforma apresentava informações que estimulavam a procura por outras páginas com conteúdo antivacina. Por ter bastante intimidade com as redes sociais, uma vez que era funcionária de empresa do Vale do Silício, a mãe percebeu que o próprio Facebook selecionava um feixe de informações que a levava a grupos antivacina e, portanto, não somente satisfazia os extremistas antivacina como os criava.

Assim como esse caso ligado ao movimento antivacina, Fisher demonstra com fatos contundentes o modo operativo de empresas como Facebook, Google, Twitter, entre várias outras, para estimular crimes de racismo e xenofobia, influir em resultados de eleições e até mesmo promover genocídio como o que aconteceu em Mianmar. Essas empresas se utilizam de técnicas básicas da psicologia muito eficientes para controle do comportamento, entre outras, por exemplo, o reforçamento em intervalo variável ou em razão variável, que instalam o vício nas redes sociais e alimentam a permanência cada vez maior dos usuários nas redes⁵. Os padrões de comportamento gerados por esses esquemas de reforçamento são altamente resistentes à extinção, se assemelham aos que são gerados pelos chamados jogos de azar e caracterizam o que, comumente, chamamos de vício. Não é à toa que já existem, hoje, inúmeras casas e clínicas destinadas ao tratamento de pessoas intensamente viciadas em redes sociais a ponto de se urinarem ou não se alimentarem para não se desligarem, ainda que por instantes, das redes sociais.

Todavia, o vício e o adoecimento - às vezes, até a morte - não são as únicas consequências dos algoritmos programados pelas plataformas digitais na vida do homem. O mais grave, e o que mais desconhecemos, ou queremos desconhecer, é o que Fisher (2023, p. 21, grifo nosso) enuncia como conclusão da investigação que realizou, logo ao início de seu livro:

A tecnologia das redes sociais exerce uma força de atração tão poderosa na nossa psicologia e na nossa identidade, e é tão predominante na nossa vida, que **transforma o jeito como pensamos, como nos comportamos e como nos relacionamos uns com os outros**. O efeito, multiplicado por bilhões de usuários, tem sido a transformação da própria sociedade.

⁵ Para o leitor interessado em conhecer com profundidade como esses esquemas de reforçamento funcionam e os padrões de comportamento que geram, sugerimos a leitura de Ferster e Skinner (1957).

A nossa indiferença diante de um mundo em transformação

Já sabemos há muito tempo que as ferramentas que criamos moldam nosso psiquismo e se encontram até mesmo na origem de muitas funções psicológicas que valorizamos bastante. Sabemos também que algumas ferramentas engendram verdadeiras transformações culturais (a esse respeito, veja-se, por exemplo, a transformação social e cultural causada pela invenção da ordem alfabética em Illich, 2002). Apesar disso, é curioso constatar que nos comportamos como se fôssemos imunes aos efeitos dos instrumentos que criamos, recusando-nos a admitir que eles podem propiciar verdadeiras revoluções, seja no plano cultural, seja no âmbito individual de nossa estrutura e funcionamento psicológicos.

Vigotski foi um dos teóricos da psicologia que desenvolveu a ideia de instrumento cultural como algo capaz de fazer emergir novas formas de comportamento humano. Para ele, esses instrumentos também são representados por diferentes signos que exercem sua função na atividade de convivência, isto é, na relação social das pessoas. Ele afirma que a psique humana se forma por meio de atividades que possibilitam as relações sociais e, para compreender a natureza da psique humana, a psicologia precisa deixar os limites estreitos da consciência individual e conhecer a história da cultura humana (Veraksa, 2002).

[...] Se está correto que o signo é, inicialmente, um meio de convivência e, apenas depois, se torna um meio de comportamento da pessoa, então, fica claro que o desenvolvimento cultural baseia-se no emprego de signos e sua introdução, no sistema geral de comportamento, transcenderia, no início, no meio social, isto é, externamente.

Então, poderíamos afirmar que as relações entre as funções psíquicas superiores foram, há algum tempo, relações reais entre as pessoas (Vigotski, 1983, p. 142).

Seguindo a ideia apresentada, pode-se afirmar que há uma série de ideias desenvolvidas por Vigotski e que podem ajudar a pensar o que queremos discutir no presente texto. Antes de tudo, é preciso compreender o importante papel que os instrumentos culturais desempenham no processo de desenvolvimento da psique humana. Vamos, novamente, dar voz ao teórico:

Com o enraizamento, ou seja, com a passagem da função para o plano interno, ocorre uma transformação muito complexa em toda sua estrutura. Como demonstra a análise experimental, os momentos essenciais, que

caracterizam a transformação, são: 1) a substituição das funções; 2) a alteração das funções naturais (de processos naturais que se encontram na base da função superior e que a integram) e 3) o surgimento de novos sistemas psicológicos e funcionais (ou de funções sistêmicas), que adquirem, na estrutura geral do comportamento, uma designação que, anteriormente, era exercida por funções particulares (Vigotski, 1983, p. 15).

Em sua obra *História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores* (1984), Vigotski indica as principais falhas de algumas teorias tradicionais, vigentes à sua época, que estudavam e analisavam as funções psíquicas superiores pela ótica de seus aspectos “naturais”, isto é, eram “[...] investigadas do ponto de vista dos processos naturais que as formam e são parte integrante deles” (Vigotski, 1984, p. 7). Em seguida, afirma que, habitualmente, as funções psíquicas superiores e as complexas formas culturais de comportamento ficavam fora do escopo de diferentes estudos, sendo reduzidas a processos de ordem elementar que, dessa forma, deixavam de “existir” como uma totalidade, como estruturas (Vigotski, 1984), e alerta que tal apresentação do problema é fatal, principalmente, para investigar o problema do desenvolvimento psíquico da criança, pois

[...] é exatamente o conceito de desenvolvimento que se diferencia, radicalmente, da representação mecanicista sobre o surgimento do complexo processo psíquico, que tem por base partes ou elementos isolados, como se fosse uma soma, derivada de uma operação aritmética de adição de determinados componentes.

O resultado do predomínio dessa abordagem ao problema de desenvolvimento das funções psíquicas superiores da criança é que a análise da forma pronta de comportamento, via de regra, substituía o esclarecimento de sua gênese (Vigotski, 1984, p.8).

Ou seja, para o autor, há um equívoco no fato de o processo de desenvolvimento de formas complexas e superiores de comportamento da criança não ser explicado, limitando-se apenas à descrição de aspectos externos e mecânicos, relacionados à determinada idade, deixando de lado a gênese dos fenômenos. Embora Vigotski tenha afirmado isso há quase um século, ainda hoje, é possível observar estudos no campo da psicologia que não diferenciam os processos de desenvolvimento orgânicos dos culturais e seguem analisando os fatos da cultura e do desenvolvimento orgânico como se fossem da mesma natureza, o que traz implicações para questões relacionadas à educação, pois renuncia-se ao aspecto

intencional da ação educativa que possibilita a emergência de novas formas de comportamento, conseqüentemente, de formação e desenvolvimento da personalidade.

Durante muito tempo, de acordo com Vigotski, tomou-se como base do desenvolvimento os processos de crescimento e sua relação com o organismo e o meio. Os processos de enraizamento da criança na cultura, por sua vez, não eram vistos como processos de desenvolvimento e sim como uma simples aquisição mecânica de hábitos ou assimilação de conteúdo. Ao ampliar o conceito de desenvolvimento, pode-se perceber que ele comporta não apenas mudanças evolutivas, mas também revolucionárias, assim como retrocessos, zigue-zagues, conflitos, o que permite observar **que é o enraizamento na cultura que define o desenvolvimento no sentido pleno dessa palavra.**

Ainda no mesmo livro, Vigotski (1984, p. 40, grifo nosso) afirma que a psicologia infantil não conhecia o problema das funções psíquicas superiores, ou melhor, o problema do desenvolvimento cultural da criança; por isso, ela não poderia apresentar corretamente o problema central da psicologia, ou seja, o problema da personalidade e do seu desenvolvimento. Para ele, a psicologia infantil deveria abandonar os limites metodológicos estreitos da psicologia tradicional para poder investigar o desenvolvimento “da síntese psíquica superior” que é a personalidade da criança, pois “[...] **a história do desenvolvimento cultural da criança nos leva à história do desenvolvimento da personalidade**”.

Ao discutir a gênese das funções psíquicas superiores, Vigotski faz uma analogia entre os instrumentos de trabalho, criados pelo homem para interferir na natureza (no meio), e o signo (em especial, a fala humana) como um instrumento de interferência no processo de controle do comportamento humano que, segundo ele, é “[...] uma das funções mais importantes do comportamento cultural da criança” (Vigotski, 1984, p. 164). O fenômeno de desenvolvimento da fala ajuda a observar o desenvolvimento e a formação do comportamento da criança, é o instrumento fundamental que propicia a transformação das funções psíquicas naturais em superiores, culturais. O autor refere-se a casos em que ocorrem distúrbios no desenvolvimento da fala da criança que possibilitam observar com mais evidência a divergência entre o desenvolvimento cultural e o natural. O desenvolvimento atípico permite perceber o que, no desenvolvimento comum, transcorre quase imperceptivelmente. Por exemplo, quando a fala interna não está suficientemente

desenvolvida, é possível observar, no curso do seu desenvolvimento, como a memória mediada sofre certo prejuízo, que, por sua vez, repercute também no desenvolvimento cultural da criança, de sua personalidade. A fala tem o poder de alterar o caráter de várias funções, pois tornando-as independentes em relação ao campo visual (por exemplo, a imaginação, a percepção, entre outras), permite que a criança domine suas funções psíquicas, transformando-as em superiores ou culturais.

Pelo que foi dito até aqui é possível perceber o papel fundamental que as ferramentas culturais desempenham no desenvolvimento da personalidade, sendo ainda mais importantes na infância, adolescência e juventude, períodos em que se desenvolvem. Nesse sentido, qualquer pessoa que esteja preocupada, verdadeiramente, com a educação das futuras gerações precisa se questionar, atualmente, sobre o tipo de personalidade que estamos forjando com o advento das plataformas digitais. Ou vamos continuar ignorando o poder que essas ferramentas exercem na formação humana, sem nos preocuparmos em salvar o ser humano e sua sociabilidade?

Recentemente, tivemos acesso a reportagens jornalísticas que acendem uma luz vermelha e indicam a gravidade do problema que vivemos. A primeira reportagem foi publicada no jornal *Folha de São Paulo*, em 27 de outubro de 2022 e diz respeito a processos, movidos por 33 estados norte-americanos, em nome de crianças e adolescentes, contra a empresa Meta “por efeitos do Instagram sobre as crianças”. O principal argumento diz que: “a Meta tem se aproveitado de tecnologias poderosas e sem precedentes para atrair, envolver e, em última análise, ludibriar jovens e adolescentes” (33 estados [...], 2022), tendo como principal objetivo a obtenção de lucro, sem se preocupar com as consequências para crianças e jovens e, por isso, precisa ser sujeita a penalidades. Em resposta, a empresa afirma que “tem procurado manter os jovens seguros *online*”, manifestando certo desapontamento com os processos e negando que seja prejudicial (33 estados [...], 2022). Entretanto, sabe-se que, quanto mais tempo a pessoa passa nas redes sociais, postando e aguardando curtidas, mais a Meta lucra, e vale-se desse princípio para impelir que crianças e jovens não apenas acessem, mas permaneçam o maior tempo possível nos aplicativos. Além disso, dependendo das buscas que façam nos dispositivos eletrônicos, eles são expostos a propagandas que brotam em suas linhas do tempo devido ao modo de ação do algoritmo, que não escolhe a vítima, apenas exhibe o conteúdo.

Uma segunda reportagem, ainda mais recente, da *Reuters*, datada de 31 de janeiro de 2024, informa que Mark Zuckerberg, em audiência sobre a exposição de menores na internet no Senado dos Estados Unidos, pediu “desculpas às famílias de crianças vítimas de danos causados pelas redes sociais” (Mark [...], 2024). Em seguida à exibição de vídeo em que aparecem crianças narrando como sofreram violências nas plataformas, foram também apresentadas histórias de jovens que se suicidaram, após serem extorquidas por predadores sexuais com quem tiraram fotos. Em continuidade, um dos senadores presentes perguntou a Mark: “Quem você demitiu?”, exigindo dele que apresentasse as ações efetivas que teriam sido tomadas pela Meta para interromper os males que vinha provocando na vida de crianças e jovens, propondo que pedisse desculpas aos familiares de vítimas da sua rede social e que se encontravam presentes no Senado. “Seu produto está matando pessoas” – vociferou o senador Hawley (Mark [...], 2024), ao final da audiência, num ato de demonstração de que medidas urgentes precisariam ser tomadas para proteger crianças e adolescentes, quiçá também adultos, do que as plataformas digitais e redes sociais vêm provocando na vida das pessoas, desumanizando-nos e criando enorme vácuo na nossa sociabilidade, ensejando delírios de toda sorte.

Estamos caminhando na contramão do que nos diz Vigotski. Se nos tornamos humanos na relação social, a relação que está se estabelecendo com os aparelhos e plataformas digitais está nos desumanizando. Inclusive, vale indagar se as denominadas *redes sociais* merecem carregar a palavra “social” em seu nome, pois de “social” não têm nada e, na verdade, estendem um tapete vermelho para o narcisismo e o individualismo.

As duas reportagens apresentadas referem-se a medidas que estão sendo tomadas nos EUA. Por lá, no estado da Flórida, fala-se até em proibir o uso de redes sociais por menores de 16 anos, como se vê na reportagem da Agence France-Presse (AFP), publicada na versão digital de *O Globo* em 23 de fevereiro de 2024, intitulada *Legisladores da Flórida aprovam proibição de redes sociais para menores de 16 anos* (Legisladores [...], 2024). Mas pelas bandas de cá, no Brasil, não temos notícias a respeito de algo semelhante e vale indagar: vamos deixar como está, sem nos preocuparmos com as consequências que mídias digitais e redes sociais estão causando nas vidas das pessoas? Será que vamos continuar com a velha máxima: “Não é comigo e nem com a minha família...”, pensando que nunca seremos afetados pelos danos que causam as referidas tecnologias? Ou continuaremos as incansáveis buscas pelos culpados: ora os pais, ora a escola, ora a

sociedade como um todo? Estamos falando de ferramentas culturais que estão engendrando novas formas de comportamento e onde estão nossos educadores?

Antes de responder a essa pergunta, vamos trazer à baila mais uma matéria de jornal, publicada na Folha de São Paulo em 5 de fevereiro de 2024, mas que desta vez fala sobre o que vem sendo feito no Brasil. Apenas pelo título – *Escolas fecham o cerco a uso de celular na volta às aulas* (Mattos, 2024) – já podemos perceber que o que está em jogo não é a proteção a crianças e adolescentes, mas à escola. Por exemplo, um dos argumentos do diretor de uma escola particular de São Paulo é que o banimento de celular “tem ajudado bastante a manter o foco nas aulas”, dando preferências a notebooks e tablets (!). Outro motivo citado na reportagem para proibição do celular em espaços escolares, foi a divulgação, em dezembro de 2023, de uma pesquisa pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), revelando que “65% dos alunos de 15 anos nos países pesquisados relataram se distraírem nas aulas de matemática com o celular. No Brasil, a média é ainda maior, chegando a 80%” (Mattos, 2024). Vale a pena, transcrever a resposta do Secretário de Educação do Estado de São Paulo, ao ser questionado sobre o crescimento do uso de tecnologia, inclusive de aplicativos de celular, na sua gestão, tendo em vista as restrições que estão sendo adotadas por diferentes instituições: “[...] o uso do celular em sala de aula é permitido exclusivamente para finalidades pedagógicas” e “o mau uso das tecnologias é medido por meio do Programa de Melhoria da Convivência e Proteção Escolar (Conviva-SP), que prevê o diálogo entre estudantes e gestão escolar e, quando necessário, com a presença dos pais e responsáveis” (Mattos, 2024). No Rio de Janeiro, o Secretário Municipal de Educação proibiu por Decreto o uso do aparelho celular em escolas da rede pública, até mesmo durante o recreio, alegando “epidemia de distrações”.

Não é necessária uma análise profunda da realidade para chegar à conclusão de que essas medidas periféricas e superficiais têm como foco a salvação da escola, de sua forma secular de ser e se organizar. O ser humano está em segundo plano, apesar de estar diante de um poderoso instrumento que o está moldando e reestruturando sua personalidade. Salta aos olhos o silêncio dos nossos educadores que parecem estar cegos à nova realidade social e cultural que está sendo forjada. Por que estão em silêncio? Onde estão nossos educadores? Estariam eles também ocupados ao celular?

Referências

33 ESTADOS americanos processam Meta por efeitos do Instagram sobre crianças. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 out. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2023/10/instagram-esta-ligado-a-depressao-ansiedade-e-insonia-em-criancas-diz-acao-movida-nos-eua>. Acesso em: 24 de out. 2023.

BARTHOLO, Roberto. *Os labirintos do silêncio: cosmovisão e tecnologia na modernidade*. São Paulo: Marco Zero, 1986.

BRANDÃO, Karine Fernandes. A polêmica PL das fake News, até onde vai a liberdade de expressão na internet?. In: CONGRESSO NACIONAL UNIVERSIDADE EAD E SOFTWARE LIVRE, 2023, Belo Horizonte. *Anais [...]*. [Belo Horizonte: s. n.], 2023.

CLARKE, Arthur C. *2001: uma odisséia no espaço*. Tradução de Fábio Fernandes. São Paulo: Editora Aleph, 2013.

FERSTER, Charles B.; SKINNER, Burrhus F. *Schedules of reinforcement*. New York: Appleton-Century-Crofts, 1957.

FISHER, Max. *A máquina do caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo*. Tradução de Érico Assis. São Paulo: Todavia, 2023.

ILLICH, Ivan. *En el viñedo del texto, etologia de la lectura: un comentario al "Didascálicon" de Hugo de San Víctor*. Tradução Marta I. González Garcia. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

ILLICH, Ivan. *Obras reunidas*. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

LEGISLADORES da Flórida aprovam proibição de redes sociais para menores de 16 anos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 fev. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2024/02/23/legisladores-da-florida-aprovam-proibicao-de-redes-sociais-para-menores-de-16-anos.ghtml>. Acesso em: 24 fev. 2024.

MARK Zuckerberg pede desculpas às famílias de crianças vítimas de danos causados pelas redes sociais. *G1*, São Paulo, 31 jan. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2024/01/31/mark-zuckerberg-pede-desculpas-as-familias-de-criancas-vitimas-de-danos-causados-pelas-redes-sociais.ghtml>. Acesso em: 31 de jan. 2024.

MATTOS, Laura. Escolas fecham o cerco a uso de celular na volta às aulas. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 5 fev. 2024.

PEREIRA, Henrique Alonso de Albuquerque Rodrigues. A construção da desinformação e o papel das redes sociais na sociedade contemporânea. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, v. 23, n. 240, p. 99-101, 2023.

SILVA, Gabriela T.; BARTHOLO, Roberto. Três caminhos para a servidão. *Sociedade e Estado*, Brasília, DF, v. 18, n. 1/2, p. 17-40, jan./dez. 2003.

VERAKSA, Nikolai. Prefácio. *In: VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Psirrologia* [Psicologia]. Moskva: Aprel Press, 2002.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores. *In: VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Obras reunidas*. Moskva: Pedagoguika, 1983. t. 3. p. 5-328.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. O instrumento e o signo no desenvolvimento da criança. *In: VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Obras reunidas*. Moskva: Pedagoguika, 1984. t. 6. p. 5-90.

Recebido em: 20 de fevereiro de 2024

Aceite em: 25 de abril de 2024